



## Troca de saberes: diálogos necessários para a formação docente

### *Knowledge exchange: necessary dialogues for teacher training*

**Marcia Freire Pinto**

Docente do Curso de Ciências Biológicas, Universidade Estadual do Ceará (UECE),

<https://orcid.org/0000-0002-9100-7392>, [marcia.freire@uece.br](mailto:marcia.freire@uece.br)

#### **Resumo**

Na busca pela superação das lacunas na extensão universitária, torna-se importante promover, de forma colaborativa, momentos que possibilitem diálogos, troca de saberes e construção de conhecimentos. Assim, buscou-se compartilhar as experiências dos encontros “Troca de Saberes”, promovidos durante três semestres, da disciplina de Princípios de Etnobiologia e Educação Ambiental, do Curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas, da Universidade Estadual do Ceará (UECE), na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM). Para avaliar esses encontros, foi realizado um levantamento dos documentos de organização e dos registros. Os três encontros Troca de Saberes foram bem diferentes, porém com a mesma proposta de diálogo entre os sujeitos. Eles proporcionaram a interação e a reflexão de conhecimentos, saberes e emoções importantes para a formação dos futuros professores, como também para todos os envolvidos, que puderam exercitar o processo reflexivo do que foi vivenciado, contribuindo para a proposta de curricularização da extensão na universidade.

Palavras-chaves: Universidade; Comunidades; Educação; Extensão; Cultura.

#### **Abstract**

In the search for overcoming gaps in the university extension, it becomes important to promote in a collaborative way moments that allow dialogues, exchange and construction of knowledge. Thus, we sought to share the experiences of the meetings "Exchange of knowledge", promoted during three semesters of the discipline of Principles of Ethnobiology and Environmental Education, of the Biological Science Course, Universidade Estadual do Ceará (UECE), Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM). To evaluate these meetings, a survey of the documents of organization and records was carried out. The three encounters exchange of knowledge were very different, but with the same proposal for dialogue between the subjects. They provided the interaction and reflection of knowledge and important emotions for the formation of future teachers, but also for all involved, who were able to exercise the reflective process of what was experienced, contributing to the proposal to curricularize the extension at the university.

Keywords: University; Communities; Education; Extension; Culture.



## 1 Introdução

Existem diferentes concepções sobre educação, porém, de forma crítica, entende-se a educação como um processo contínuo que envolve as capacidades e dimensões dos seres humanos, de forma indissociável. Assim, ao longo da formação docente, espera-se que os estudantes, futuros professores, vivenciem experiências e ampliem seus conhecimentos e habilidade de forma integral. Essa formação integral traz o sujeito para o centro das indagações e preocupações da educação, realçando a “necessidade de desenvolvimento integrado de suas faculdades cognitivas, afetivas, corporais e espirituais, resgatando, como tarefa prioritária da educação, a formação do homem, compreendido em sua totalidade” (GUARÁ, 2006, p.16). Tudo isso, em um entendimento de uma educação diferente de transmissão e acúmulo de informações.

Porém, como Edgar Morin (2000, p. 42-43) ressalta a

nossa educação nos ensinou a separar, compartimentar, isolar e, não a unir os conhecimentos, o conjunto deles constitui um quebra-cabeças ininteligível. [...] A incapacidade de organizar o saber disperso e compartimentado conduz à atrofia da disposição mental natural de contextualizar e de globalizar.

Assim, a educação deve ser entendida como uma troca de saberes entre diferentes pessoas, sujeitos com suas concepções de mundo, com diferentes idades, culturas e territórios. Uma troca de saberes para além da interdisciplinaridade e que envolva os diferentes saberes para a educação, como propõe Edgar Morin (2004).

Dessa forma, mais do que nunca, torna-se urgente refletirmos e agirmos para nos regenerar através de reformas que sejam capazes de nos aproximar, restabelecendo as ligações de saberes, culturas e Estados-nação, em que tenhamos propósitos comuns, sem menosprezar ou negar as singularidades de todos os envolvidos (MORIN, 2012). Ou seja, que tenhamos a completude das nossas relações como um todo.

Para isso, é preciso aceitarmos a nossa incompletude, como ressalta Paulo Freire (2016), e reconhecer as diferentes formas de conhecimentos, pois o conhecimento não se transmite, ele se constrói (FREIRE, 1997). Portanto, “o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é” (FREIRE, 1997). Por isso é preciso substituir a monocultura de saberes por uma Ecologia de Saberes (SANTOS, 2002; 2008) ao se refletir sobre os processos de legitimação dos saberes locais



e de sua contextualização para o exercício de uma prática educativa atenta à diversidade.

Uma ideia aliada a isso parte da distinção entre conhecimento e saber que John Grote (1856 *apud* LALANDE, 1993) estabeleceu. Segundo o autor, o conhecimento se refere simplesmente a uma familiaridade com o objeto conhecido; já o saber é mais intelectual, admite conceitos, juízos do objeto conhecido. Nesse sentido, para ocorrer uma “religação dos saberes”, não cabe à instituição escolar a exclusividade da educação (CARVALHO, 2011). O autor complementa que religar esses saberes, a partir de uma perspectiva transdisciplinar, envolve a articulação da identidade entre “ciências e artes, ciências e tradições, razão e sensibilidades, artes e espiritualidades, cultura científica e cultura das humanidades” (CARVALHO, 2011, p. 31).

Diante desse contexto, ao se fazer uma reflexão sobre a educação dentro dos espaços formais de ensino, especificamente nas universidades, deparamo-nos com o tripé ensino, pesquisa e extensão, perfazendo as atividades do ensino tido como “superior”. Ao se ressaltar as atividades de extensão, de acordo com a Resolução 07 do CNE/CES de 2018, elas devem ser parte integrante da matriz curricular dos cursos de graduação no país,

“constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa” (MEC/CNE/CES, 2018, Art. 3º).

No entanto ainda se observa a extensão, realizada nas universidades, como uma transmissão dos conhecimentos construídos e produzidos pelos detentores desse saber superior. Paulo Freire (1983) enfatiza a importância de uma comunicação, ou seja, de um diálogo entre os sujeitos e os seus conhecimentos e não uma extensão desses conhecimentos em via única.

Com isso, tentando superar essas lacunas que ainda são observadas no fazer a extensão nas universidades e buscando relacioná-la com a pesquisa e o ensino, que, em muitos casos, ainda são separados, torna-se importante promover, de forma colaborativa, momentos que possibilitem diálogos, troca de saberes e construção de conhecimentos.

Levando-se em consideração essa forma colaborativa, tornou-se importante, o compartilhar das experiências nos encontros “Troca de Saberes”, promovidos durante três semestres da disciplina de Princípios de Etnobiologia e Educação Ambiental, do



Curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas, da Universidade Estadual do Ceará (UECE), na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM).

## 2 Metodologia

Para avaliar os encontros Troca de Saberes, foi realizado um resgate dos documentos e conversas da organização, dos registros de fotos e de vídeos e de relatos após os eventos. A partir dessas informações, foi possível organizar e categorizar aspectos importantes para o relato de experiências e das suas implicações para um processo de educação envolvente que integre pesquisa, ensino e extensão.

A disciplina de Princípios de Etnobiologia e Educação Ambiental permite uma maior reflexão, discussão e construção de ideias que se articulem com os diferentes saberes e conhecimentos. Dessa forma, pensou-se primeiramente como realizar uma aula de campo, em que a universidade não vai apenas para conhecer o ambiente e uma comunidade tradicional, mas vivenciar o modo de vida da comunidade e trocar saberes, experiências e conhecimentos.

Inicialmente, em 2019, foi estabelecido um diálogo entre a docente responsável pela disciplina e uma das lideranças da comunidade quilombola do Cumbe - o João do Cumbe - para pensar como esse momento poderia ser realizado. Foi pensada, inicialmente, a ideia de um evento, denominado Troca de Saberes, entre a universidade e a comunidade quilombola do Cumbe. Parte das atividades do encontro seria realizada durante dois dias na comunidade, em Aracati, litoral leste do Ceará. Essas atividades seriam organizadas pelos estudantes universitários, e a outra parte, por alguns membros da comunidade. Para isso, foram discutidas quais as necessidades de conhecimentos que a comunidade queria obter, para que os estudantes pudessem pensar no que poderiam fazer; seria como uma troca. Assim, foram organizadas as atividades, estabelecidas as responsabilidades, o tempo e o local na comunidade. A essa atividade, juntaram-se os estudantes das disciplinas de Etnozoologia e Biologia Evolutiva, essa última ministrada por um outro professor.

Em 2020, durante o primeiro ano da pandemia de COVID-19, o ensino estava no formato remoto, e as aulas de campo foram suspensas. Mesmo diante desse acontecimento, foi pensado o II Troca de Saberes, também com a comunidade quilombola



do Cumbe. Para tanto, estavam envolvidas as turmas de Princípios de Etnobiologia e Educação Ambiental, Avaliação de Impacto Ambiental e Ecologia, essa última disciplina ministrada por uma outra professora. Os assuntos dessa troca foram estabelecidos pelos estudantes e pelas professoras da universidade juntamente com as lideranças da comunidade, que, no caso, não era mais só o João do Cumbe, mas também a Cleomar, a Luciana, o Ronaldo e o José Victor. Os estudantes ficaram como mediadores das rodas de conversa e como palestrantes, juntamente com os membros da comunidade. Esse evento ocorreu de forma online, durante dois dias, através do *Google Meet*.

Em 2021, durante o segundo ano da pandemia de COVID-19, o ensino continuava de forma remota, e as aulas de campo ainda permaneciam suspensas. Foi pensado, então, um novo formato para o encontro, principalmente porque a comunidade quilombola do Cumbe já estava envolvida em outros eventos. Assim o III Troca de Saberes foi construído coletivamente pela docente da disciplina de Princípios de Etnobiologia e Educação Ambiental e pelos discentes da turma. Ficou decidido que o evento não deveria envolver uma única pessoa da comunidade, mas outras pessoas que pudessem trazer as suas histórias de vida, relacionando-as com a importância dos diferentes saberes para a compreensão das questões socioambientais. Foram convidadas cinco pessoas: Dona Nazaré, agricultora e mãe de um estudante; o Eliélder, pai de outro estudante, educador do campo (ambos da região do baixo vale do rio Jaguaribe, no Ceará); a Sidnéia, pescadora marinha do município de Icapuí, no Ceará; o Vinícius Grauca, um arte educador também de Icapuí; Alex Catador, um catador de lixo e educador do Rio Grande do Sul.

Esse último encontro foi realizado à noite, de forma online através do *Google Meet*. Cada convidado tinha 20 minutos de fala e mais 10 minutos para uma conversa aberta com todos os participantes. O encontro foi aberto ao público e teve a participação de pessoas de diferentes cursos da universidade, de comunidades diferentes e de outros estados (Paraná e Rio Grande do Sul).

### 3 Resultados e Discussão

O primeiro encontro Troca de Saberes ocorreu nos dias 12 e 13 de setembro de 2019, na comunidade quilombola do Cumbe. Anteriormente ao evento, foi realizado



um planejamento das atividades entre a docente responsável pelas disciplinas de Princípios de Etnobiologia e Educação Ambiental e de Etnozoologia e uma das lideranças do quilombo do Cumbe, o João do Cumbe. Posteriormente, foram discutidas, com os estudantes das disciplinas, as possibilidades de palestras e oficinas que poderiam ser ofertadas para a comunidade. Assim, as atividades foram sendo construídas coletivamente e divulgadas para quem tivesse interesse em participar.

O transporte dos estudantes e professores foi realizado através do ônibus da Universidade Estadual do Ceará. O ônibus saiu do campus do Itaperi, na cidade de Fortaleza, para o campus da FAFIDAM, em Limoeiro do Norte, no dia anterior à viagem para Aracati. No outro dia de manhã, os estudantes e os professores das turmas de Princípios de Etnobiologia e Educação Ambiental, de Etnozoologia e de Biologia Evolutiva foram no ônibus da universidade para a comunidade do Cumbe, em Aracati.

Os custos com a hospedagem e a alimentação dos estudantes e professores foram por conta própria, pois não houve ajuda de custo por parte da universidade. Algo que, para alguns estudantes, tornou-se inviável, só sendo possível a participação desses alunos com a ajuda dos colegas. Ressalta-se com isso a necessidade da ajuda de custo da universidade para as aulas de campo, tendo em vista a importância desses momentos para a formação dos estudantes, uma vez que essas aulas de campo visam cumprir com a proposta de curricularização da extensão prevista no Plano Nacional de Educação (PNE) e regulamentada pela Resolução nº7 MEC/CNE/CES de 18 de dezembro de 2018 (MEC/CNE/CES, 2018).

Cabe ressaltar que a hospedagem foi comunitária, na casa de moradores e no galpão da Associação Quilombola do Cumbe; já a alimentação (almoço, jantar e café da manhã) foi produzida especialmente pelas mulheres da associação. A culinária do Cumbe é destaque no estado e tem a Luciana e a Cleomar como as responsáveis por essa referência gastronômica.

No primeiro dia, pela manhã e à tarde, foram realizadas atividades de reconhecimento do território e do modo de vida da comunidade, como vivências com a natureza e a troca de saberes sobre os animais, as plantas, o solo e o rio, bem como sobre as atividades econômicas realizadas pela comunidade, como a pesca de peixes, a catação de caranguejos (guaiamum e caranguejo-uçá), a mariscagem (extração de moluscos como os búzios), o extrativismo vegetal, a carcinicultura (criação de camarão) e o artesanato



(ver PINTO *et al.*, 2014).

Esses momentos foram de muito aprendizado e de lazer e ocorreram no caminhar pela comunidade e nos “lugares de memórias”. De acordo com Nascimento e Lima (2017), “são os locais onde as pessoas se reúnem para criar e recriar práticas coletivas”. Esses momentos puderam ser vivenciados principalmente durante as trilhas no manguezal (Figura 1a) e nas dunas (Figura 1b).

**Figura 1. Estudantes e professores do curso de Ciências Biológicas da UECE/FAFIDAM e membros do quilombo do Cumbe na trilha do manguezal (a) e das dunas (b) do Cumbe, Aracati, Ceará.**



Fonte: Arquivo pessoal.

À noite, ainda no primeiro dia, houve a apresentação de duas palestras sobre espécies exóticas e sobre a mancha branca (Figura 2a). Esses assuntos foram escolhidos pela comunidade, pois algumas pessoas tinham interesse em compreender melhor o que eram animais exóticos e quais os impactos desses no manguezal. Também tinham um grande interesse de saber algo sobre a mancha branca e sobre um vírus que acomete os camarões da carcinicultura. Vale destacar que, para que isso se concretizasse, foi necessária a pesquisa por parte dos estudantes, a fim de que eles pudessem preparar as palestras e as rodas de conversa, caracterizando-se como uma ótima atividade que relacionou ensino, pesquisa e extensão.

Após as palestras, houve a roda de conversa para se discutir sobre os assuntos.



Posteriormente, ocorreu um momento cultural com a apresentação de teatro de bonecos do grupo Calungas (Figura 2b), formado por pessoas da comunidade. A apresentação teatral contava de forma muito engraçada e divertida a história da comunidade. Nesse momento, estavam juntos os estudantes e os professores da universidade e as crianças e os adultos da comunidade. Uma vivência única que proporcionou diversão e troca de saberes. No local também estavam expostos os artesanatos produzidos por pessoas da comunidade, como o labirinto, brincos, colares e objetos de decoração feitos de madeira e que representavam a fauna da região.

**Figura 2. Estudantes e professores do curso de Ciências Biológicas da UECE/FAFIDAM e a comunidade quilombola do Cumbe durante as palestras (a) e a apresentação de teatro dos Calungas (b), na sede da Associação Quilombola do Cumbe, Aracati, Ceará.**



Fonte: Arquivo pessoal.

No segundo dia, pela manhã, ocorreram as oficinas, que foram ministradas pelos estudantes das disciplinas de Princípios de Etnobiologia e Educação Ambiental e de Etnozoologia. As oficinas de quintais produtivos (Figura 3a), reciclagem de garrafas PET (Figura 3b), desenho e pintura em telhas (Figura 3c) e taxidermia de caranguejo, guaiamum e aratu (Figura 3d) foram sugestões dos estudantes, com base nos anseios da comunidade. Essas oficinas foram oferecidas para todos que quisessem participar, sem restrição de idade ou gênero e sem nenhum custo. Foi um momento importante para os estudantes, que puderam não só colocar em prática os conhecimentos teóricos da Biologia, mas também exercitar a didática em atividades de grupo, aliando, dessa forma, o ensino e a extensão.

Após as oficinas, houve o encontro entre os participantes para as despedidas, agradecimentos e troca de carinho. Talvez essa troca afetiva tenha sido o que mais marcou



todo o encontro Troca de Saberes, pois os estudantes e a comunidade mostraram-se muito felizes com os momentos compartilhados, confirmando-se assim que “a vida não se justifica pela utilidade. Ela se justifica pelo prazer e pela alegria” (ALVES, 2018, p. 19).

Vários educadores trazem a importância da troca, da educação democrática (DEWEY, 1979), do envolvimento e dos sentidos (ALVES, 2019), do afeto (FREIRE, 2016), do engajamento (HOOKS, 2018), da encruzilhada (RUFINO, 2019) e da complexidade (MORIN, 2015) para o processo de aprendizagem. Tudo isso pôde ser vivenciado nesse encontro Troca de Saberes, que relacionou o ensino, a pesquisa e a extensão. De uma forma geral, o maior aprendizado foi “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém” (FREIRE, 2016, p. 25).

**Figura 3. Estudantes e professores do curso de Ciências Biológicas da UECE-FAFIDAM e quilombo do Cumbe durante as oficinas de quintais produtivos (a), reciclagem de garrafas PET (b), desenho e pintura (c) e taxidermia de caranguejo, guaiamum e aratu (d).**



Fonte: Arquivo pessoal.



O II Troca de Saberes entre a universidade e a comunidade quilombola do Cumbe ocorreu nos dias 03 e 04 de fevereiro de 2021, durante a pandemia de COVID-19 e, por questões de saúde, foi realizado virtualmente. O evento também foi construído coletivamente entre professores, estudantes e membros da comunidade.

Para o encontro, foram pensadas as rodas de conversas, com um responsável pela mediação, no caso um estudante do curso de Ciências Biológicas da UECE/FAFIDAM e dois palestrantes, um estudante do curso e outro membro da comunidade do Cumbe. Os assuntos foram relacionados às disciplinas de Princípios de Etnobiologia e Educação Ambiental e de Avaliação de Impacto Ambiental e que estavam conectados com as questões socioambientais da comunidade. Os estudantes palestrantes tiveram, antes, que pesquisar sobre o assunto para poderem apresentá-lo, trazendo informações importantes para a discussão. Aqui novamente tem-se a ligação do tripé pesquisa, ensino e extensão.

A turma da disciplina de Ecologia, estudantes e professores de outros cursos da UECE/FAFIDAM e de outras comunidades também participaram do encontro. Cada roda de conversa durou uma hora, sendo 20 minutos de fala para cada palestrante e 20 minutos para o debate com os participantes. As perguntas e comentários foram enriquecedores para a troca de saberes. No entanto o contato, a troca de olhares e de carinhos fizeram falta e essa avaliação foi unânime entre os presentes, principalmente entre os que participaram do I Troca de Saberes. Rubem Alves (2018, p. 53) foi muito sensato ao afirmar que “a alegria dos ouvidos é mendiga. Ela está sempre mendigando o toque”.

Apesar das dificuldades, toda forma de intercruzamento de conhecimentos que coexistem no mundo é extremamente válida, como ressalta Rufino (2019, p. 40) sobre os “saberes que em seus encontros, confrontos, atravessamentos e diálogos gerem possibilidades de pensarmos o mundo percorrendo suas esquinas”.

O III Troca de Saberes ocorreu no dia 09 de dezembro de 2021, também de forma virtual em decorrência da pandemia de COVID-19, mas o encontro foi bem diferente, pois envolveu pessoas com diferentes histórias de vida. O evento foi construído, planejado e organizado pela turma da disciplina de Princípios de Etnobiologia e Educação Ambiental do curso de Ciências Biológicas da UECE/FAFIDAM. Primeiramente, houve um encontro da turma para pensar sobre o formato do evento, o nome e os convidados.



Ficou decidido que o evento seria em uma noite, com cinco convidados em rodas de conversas sobre as histórias de vida e a relação com a natureza e a educação (Figura 4), com dois convidados, pais de estudantes da turma.

Vale ressaltar a quão importante e necessária foi a organização coletiva da turma, pois como afirma bell hooks (2018, p.18)

“[...] o professor precisa valorizar de verdade a presença de cada um. Precisa reconhecer permanentemente que todos influenciam a dinâmica da sala de aula, que todos contribuem. Essas contribuições são recursos. Usadas de modo construtivo, elas comprovem a capacidade de qualquer turma de criar uma comunidade aberta de aprendizado.”

O evento foi enriquecedor devido à diversidade cultural, às diferentes histórias de vida e aos diferentes contextos da relação entre os seres humanos e a natureza. O momento permitiu despertar conhecimentos a partir dos sujeitos e suas histórias, pois “[...] a condição do Ser é primordial à manifestação do Saber. Os conhecimentos vagueiam mundo para baixar nos corpos e avivar os seres” (RUFINO, 2019, p. 9).

**Figura 4. Folder de divulgação do III Troca de Saberes.**



**Fonte: Arquivo pessoal.**



Apesar de não ter ocorrido a troca afetiva presencial, a conversa fluiu muito bem e o acesso à internet foi fundamental para a conexão de pessoas de diferentes lugares. O final do encontro foi com a apresentação de poesias e com um momento de reflexão sobre a proposta do encontro. Todo o III Troca de Saberes ficou gravado e está disponível no YouTube, no link [https://www.youtube.com/watch?v=52\\_bqHUwRBo](https://www.youtube.com/watch?v=52_bqHUwRBo).

Com esse último encontro, ficou mais evidente a importância da educação inclusiva, quando nos referimos à inclusão social, levando em consideração o acesso aos meios de comunicação; à internet, especificamente. As atividades nas disciplinas da universidade, nesse período de pandemia de COVID-19, só foram possíveis por conta do acesso à internet e aos aparelhos eletrônicos como celular, computador ou tablet. No entanto, ainda é nítida a desigualdade de acesso a esses meios e de oportunidades entre os estudantes. Alguns não têm como acessar a internet e perdem momentos tão importantes para a sua formação, como nesse encontro.

Pode-se perceber que o Troca de Saberes permitiu diferentes encontros: intergeracionais, principalmente com a participação dos pais dos estudantes; interdisciplinares, com diferentes áreas do conhecimento dentro e fora da universidade; interculturais, com as diferentes histórias de vida; interterritoriais, a partir da fala de diferentes territórios.

Com isso, fica evidente que “o multiculturalismo obriga os educadores a reconhecer as estreitas fronteiras que moldaram o modo como o conhecimento é partilhado na sala de aula” (hooks, 2018, p. 63). Pois como Freire (2016, p. 79) afirma

“não posso de maneira alguma, nas minhas relações político pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo leitura do mundo, que precede sempre a leitura da palavra”.

Compreender como essas visões de mundo e saberes foram percebidos e assimilados em cada um dos participantes é algo extremamente difícil, porém a possibilidade de “navegarmos” em diferentes lugares de fala, tornou-se possível quebrar as fronteiras cartesianas do conhecimento, já que os envolvidos estavam disponíveis, ou seja, estavam sensíveis aos chamamentos que vivenciaram, parafraseando Freire (2016).



## 4 Considerações Finais

Partilhar essas experiências é uma forma de registrar momentos importantes que foram pensados e construídos coletivamente dentro da universidade, envolvendo a pesquisa, o ensino e a extensão, mesmo em períodos adversos, como nesse da pandemia de COVID-19. Apesar disso, espera-se que o compartilhamento dessas ideias proporcione reflexões sobre o ser educador, dentro e fora das instituições de ensino e que novas formas de ensinar sejam pautadas nas integrações de saberes e de seres, com suas histórias e vivências.

Existem muitas práticas educativas que precisam ser desconstruídas para nos aliarmos à complexidade, à ecologia de saberes, que envolvem o processo de ensinar e aprender. A universidade precisa atentar-se para as novas alternativas de educação, que proporcionam uma visão mais holística, que buscam a inclusão, e trabalhar com diferenças a partir da práxis dos sujeitos que compartilham, que se entregam e se cruzam na caminhada contínua, incompleta e incerta de aprender.

Os três encontros Troca de Saberes não só proporcionaram a interação, a integração e a reflexão de conhecimentos, de saberes e emoções importantes para a formação dos estudantes, futuros professores, mas também para todos os envolvidos, que puderam exercitar o processo reflexivo de tudo que foi vivenciado.

Tornam-se, pois, necessários os meios que oportunizem essas trocas de saberes, da melhor forma possível, através de recursos financeiros, materiais e humanos. É necessário não só o apoio institucional, mas também o financeiro, o incentivo e a promoção de atividades que aliem a pesquisa, o ensino e a extensão, como contribuição para a sociedade e na sociedade.

## Referências

ALVES, Rubem. **A educação dos sentidos**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

CARVALHO, Edgar de Assis. Religação dos saberes e educação do futuro. In: COELHO, Teixeira. (Org.) **Cultura e educação**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2011. p. 29-41.

DEWEY, John. **Democracia e educação**: introdução à filosofia da educação. 4.ed. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.



FREIRE, Paulo. **EXTENSÃO OU COMUNICAÇÃO?** Paz e Terra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

GUARÁ, Isa Maria F. Rosa. É imprescindível educar integralmente. **Cadernos Cenpec: Educação Integral**, n.2, São Paulo: Cenpec, 2006. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/168/197> . Acesso em 22 jan. 2022.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática de liberdade. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LALANDE, André. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MEC/CNE/CES. **RESOLUÇÃO Nº 7, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2018.** Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Superior. 2018. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category\\_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192) . Acesso em: 22 jan. 2022.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro.** 3.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. **O método 5:** a humanidade da humanidade. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012. 309 p. Tradução de: Juremir Machado da Silva.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2015.

NASCIMENTO, João Luís Joventino; LIMA, Ivan Costa. Nas trilhas da memória e da História: Cumbe um museu a céu aberto. **Anais do XI Encontro Regional Nordeste de História Oral.** Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2017.

PINTO, Marcia Freire; NASCIMENTO, João Luís Joventino; BRINGEL, Paulo Cunha Ferreira; MEIRELES, Antônio Jeovah de Andrade. Quando os conflitos socioambientais caracterizam um território? **Gaia Scientia**, Ed. Esp. Populações Tradicionais: 271-288. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/gaia/article/view/22721> . Acesso em: 22 de jan. 2022.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.



SANTOS, Boa Ventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 63: 237–280, 2002.

SANTOS, Boa Ventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5º ed. São Paulo: Cortez, 2008.